

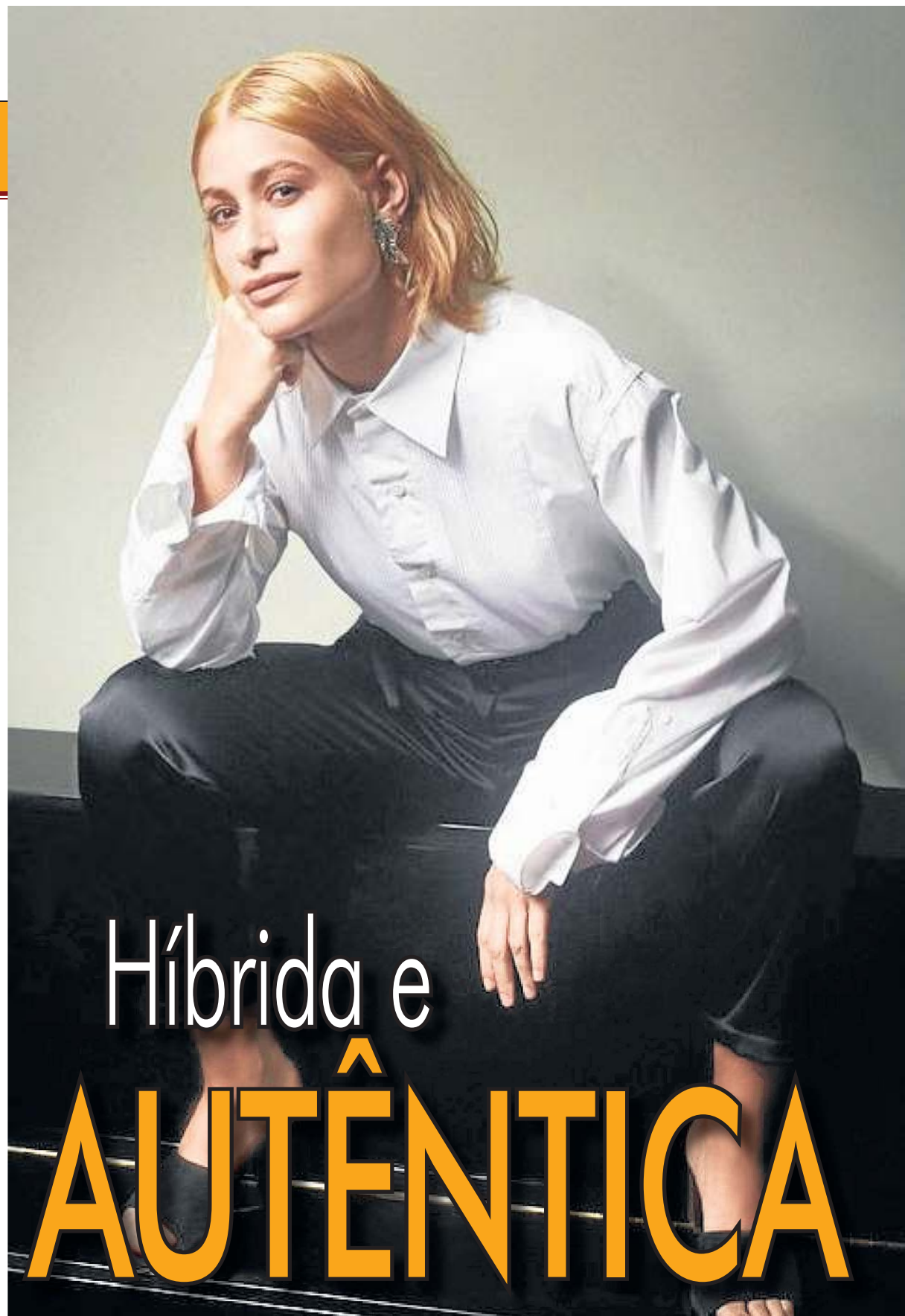
Filha de dois grandes artistas nordestinos, Luísa Arraes leva para a carreira a sua vivência de vida e faz uma grande mistura entre sotaques, gêneros e estilos

POR PATRICK SELVATTI

O ditado popular “filho de peixe, peixinho é”, muitas vezes, pode amedrontar. Luísa Arraes conta que ser filha do diretor Guel Arraes e da atriz Virgínia Cavendish sempre foi a sua vida e, desde criança, entendeu que a profissão deles era muito séria. Hoje, a atriz de 30 anos acredita conseguir se divertir mais do que no início da carreira. “Eu consigo deixar mais essa criatividade vir menos rígida, de poder estar aberta por ter encontrado também a minha turma no teatro, no cinema, na televisão. Ter encontrado também alguma assinatura minha”, avalia.

A atriz — que está loira para interpretar Darlene Glória em um filme — pôde ser vista recentemente na tevê como a Francisca, de *Cine Holliúdy* (2022), e chegou a admitir que ela é o seu xodó. Carioca de raiz pernambucana, ela não nega que gosta de interpretar personagens nordestinas, como também a Manu, de *Segundo Sol* (2017), e a Débora, de *Justiça* (2016). “Eu tenho esse hibridismo”, conclui a artista, que poderá ser vista, em breve, no cinema, interpretando um personagem clássico, o Diadorim, em *Grande Sertão: Veredas*, de Guel Arraes, baseado no clássico de Guimarães Rosa.

Em entrevista à *Revista*, Luísa fala sobre os desafios que superou, ao lado do marido, Caio Blat, durante a pandemia, o momento político recente que o Brasil vivenciou, feminismo e o show intimista que criou, intitulado *Comes & Bebes*, na companhia dos músicos Arthur Braganti, Thiago Rebello e Gabriel Guerra.



Híbrida e AUTÊNTICA

ENTREVISTA/ LUÍSA ARRAES

Você declarou que a Francisca de *Cine Holliúdy* é seu xodó na TV. Ser nordestina pegou bastante nessa escolha, mas a Manu de *Segundo Sol* também era...

Eu tenho esse hibridismo, me sinto muito pernambucana. Mas a Francisca foi um gênero novo que eu fiz, no ano passado, de comédia. Eu já tinha feito comédia, mas o *Cine Holliúdy* é uma

espécie de farsa, e foi onde eu pude ir ainda além nessa palhaçaria. A Manu era novela, então a gente tem um realismo maior nela. Agora, eu penso muito de onde a personagem está vindo para compor. A Manu vem de Salvador, Francisca vem do Ceará e a Débora veio de Pernambuco. Fico muito feliz de poder fazer essas nuances nas personagens, porque, muitas vezes, pensam que a personagem é nordestina e ponto, mas não, são mundos diferentes.